

AS BONECAS NEGRAS DE LARA: VIVÊNCIAS AFROCÊNTRICAS NUMA RODA DE HISTÓRIAS

DANIELE DO NASCIMENTO SILVA¹

Quando eu morder a palavra,
por favor, não me apressem,
quero mascar, rasgar entre os dentes,
a pele, os ossos, o tutano do verbo,
para assim versejar o âmago das coisas.
Conceição Evaristo

INTRODUÇÃO

A apropriação das palavras, da literatura pelos negros africanos e da diáspora, como diz a autora Conceição Evaristo nos versos acima, deve ser saboreada e degustada e assim pela palavra experimentada, desfrutada, pelas letras, símbolos e significados conjugados, há apropriação total, um mergulho e resgate da história do povo negro através da literatura. Desta forma, este artigo apresentará a obra *As bonecas negras de Lara*, como o pássaro mítico *sankofa* (que diz nunca é tarde para voltar para trás e apanhar o que é seu) que retorna para conquistar o conhecimento do passado, a sabedoria e o resgate da herança cultural dos antepassados para construir um futuro melhor.

O presente artigo é um recorte da minha pesquisa de mestrado em educação pela Universidade Federal da Bahia, sobre a literatura infantil afro-brasileira. Assim, este estudo apresentará resultados parciais das vivências ocorridas durante a pesquisa e tem como objetivo entender as possibilidades de letramentos da literatura infantil afro-brasileira na prática educativa. O estudo ocorreu numa escola comunitária, onde havia roda de contação de livros de literatura infantil afro-brasileira, após a contação de história havia uma problematização sobre os temas apresentados na história e num outro momento as crianças faziam produções a partir das obras lidas.

A metodologia da pesquisa é a interpretação crítica sobre as relações raciais com o objetivo de explorar as nuances possibilidades das questões raciais através da literatura infantil afro-brasileira que se assenta sobre o paradigma da Afrocentricidade, desenvolvido pelo professor doutor afro-estadunidense Moleki

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia. Especialista em Educação, Pobreza e Desigualdade Social pela UFBA. Licenciada em Ciências Sociais pela UFBA e pedagoga pela Universidade do Estado da Bahia. daniele_dns@yahoo.com.br

Kete Asante, esta corrente de pensamento e de prática baseada na imagem cultural e nos interesses humanos dos povos africanos e afro-diaspóricos. Este paradigma propõe uma mudança no pensamento corrente eurocêntrico, uma correção construtural da desorientação negra, descentramento e falta de agência negra, é uma afirmação do lugar de sujeito dos africanos dentro de sua própria história e experiências, rejeitando o lugar de marginalidade que a história e cultura dos povos africanos e afro-diaspóricos foi designado, frequentemente expresso nos paradigmas comuns da dominação conceitual europeia.

Esta metodologia visa através da literatura suscitar a reconstrução do que foi rompido pela colonialidade, voltar as tradições ancestrais, resgatar seus valores fundamentais para reencontrar suas próprias raízes e o segredo de sua identidade profunda, pois a colonialidade e sua educação ocidental, remove as tradições dos povos originários o tanto que for possível para implantar no lugar suas próprias concepções. A literatura infantil afro-brasileira pode provocar, promover a construção da identidade e conhecimento de sua história, pois apenas quando os sujeitos sabem quem são, deixarão de serem como fantasmas, invisíveis para a sociedade e para o Estado. Assim, através da arte literária, os sujeitos são capazes de resgatar suas referências, língua, cultura, história, poderão si resgatar, e assim, poderão reivindicar seus direitos.

LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA

A literatura infantil é fundamental no desenvolvimento das crianças, para a sua apropriação do mundo. Ouvir histórias é muito importante na formação das crianças, é o início da aprendizagem para ser um leitor, se apropriar do mundo sendo leitor, possibilita um infinito de descobertas e de compreensão da sociedade. Contar histórias é despertar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação as questões da vida, é encontrar outras formas para resolver problemas, de acordo as vivências dos personagens fizeram. Possibilitando descobrir um vasto mundo de conflitos, soluções e impasses que todas as pessoas passam, através dos problemas apresentados nas histórias, enfrentados, resolvidos ou não pelos personagens. Ao se identificar com as questões dos personagens, entender melhor as suas próprias dificuldades, podendo até encontrar um caminho para solucionar seus dilemas.

A presença de personagens negras e os elementos da cultura africana e afro-brasileira nas obras de literatura infantil e juvenil brasileira, é praticamente inexistente, anteriormente a década de 1970, quando eles aparecem é representado com docilidade servil, passivo, submisso, atendendo seu papel de subalternidade, como a Tia Nastácia e o Tio Barnabé na obra lobatiana; ou é apresentado como o personagem que suscita piedade, como o Menino André, da triste lenda do menino do pastoreio; ou é aquele que se não se aceita e se reveste de outra pele, "o negro de alma branca". Estes personagens reproduzem e reforçam estereótipos racistas da sociedade comum na história da literatura brasileira, assim como na literatura infantil e juvenil, onde o povo negro era pouco representado e quando era representado, foi numa perspectiva colonizadora, de subalternidade como sujeito escravizado e obediente aos abusos da branquitude, ou numa visão simplista das relações sociais após o período da escravidão (DEBUS, 2017).

Os contos clássicos e as obras literárias infantis são marcadas por personagens distante da realidade brasileira com sua multiplicidade étnica e faz a reprodução de uma cultura eurocêntrica branca. A baixa representatividade das crianças negras ou representação nociva da cultura afro-brasileira e dos povos indígenas faz com que as crianças desenvolvam percepções distorcidas sobre o ser negro, ser indígena, acerca da história e cultura afro-brasileira e indígena, toda a nossa diversidade não é contemplada, assim o processo de branqueamento corrompe as identidades em formação dos pequenos leitores. Mariosa e Reis (2011, p.51) afirmam que

A carência da devida valorização das características físicas e culturais dos negros acaba por resultar em rejeição das crianças negras de sua ancestralidade e todos os símbolos a elas relacionados, prejudicando sua identidade em formação. A imagem da África também precisa ser revista. A ideia predominante de que o continente africano é um país e que, de um lado, estão as selvas e do outro os negros doentes e famintos, obviamente, elimina a possibilidade das crianças afrodescendentes se identificarem com a sua origem.

Destarte, a literatura brasileira, tradicionalmente, tem reproduzido o racismo estrutural de nossa sociedade, invisibilizando o povo negro e os povos indígenas trazendo consequências na formação da identidade das crianças pertencentes a estes grupos, legitima a inferioridade racial, mostrando para as crianças brancas que há inferioridade de algumas pessoas, perpetuando práticas racistas na

sociedade. Araújo (2012) apresenta uma síntese das pesquisas brasileiras sobre relações raciais na literatura infanto-juvenil com personagens negros, de acordo a autora, os estudos apresentam um tratamento profundo e sistematicamente desigual entre brancos e negros.

A literatura como afirma a autora (ARAÚJO, 2012) tem sido uma cúmplice do racismo, as pesquisas mais recentes apontam mudanças nos discursos dessa literatura, passando a ter algumas formas mais favoráveis aos negros, simultaneamente, com a reprodução de formas de hierarquização entre brancos e negros. Assim, a presença de personagens negros na literatura passou por algumas fases, inicialmente, havia ausência absoluta destes sujeitos; num segundo momento, os personagens negros aparecem, revelando todo o racismo de nossa sociedade e apresentando estes sujeitos de forma subalternizada, reproduzindo estereótipos; a fase seguinte procura fazer uma crítica ao racismo ao apresentar estes personagens, contudo, ainda reproduz estereótipos, discursos racistas, tirando a agência destes personagens. A última fase apresenta uma produção comprometida com a luta antirracista, realizadas também por pesquisadoras da área da literatura.

É mister para a sociedade brasileira o desenvolvimento de um currículo que contemple todas as tradições, culturas e referenciais simbólicos que nos constituem, trazendo para prática educativa a cosmogonia e epistemologia das ancestralidades afro-brasileira e indígenas que continuamente são negadas ou reduzidas. A fim de levar as crianças a entenderem como as relações étnicas, as questões concernentes a memória e identidade afro-brasileira, indígena e a complexa hierarquização social se estruturam na nossa sociedade.

A literatura brasileira fomentou o racismo, através dela é possível criar preconceitos, guerras, porém também é um meio de renovar o conhecimento, de desconstruir imagens negativas dos primeiros povos e visões de mundo racistas. A literatura infantil tem o poder de apresentar temas pesados, complexos, inquietar e transformar os leitores, assim ela pode formar uma sociedade mais justa e igualitária. Diante desse contexto, essa pesquisa visa apresentar a literatura infantil afro-brasileira e indígena para as crianças, para que estão possam desenvolver o letramento não apenas de códigos fonéticos, mas também da cultura e identidade que o permeia, e é silenciada, dos povos originários indígena e negro, de forma que essas crianças valorizem essa cultura e olhem com a dignidade que

merecem estes povos. Destarte, a literatura infantil é uma profícua ferramenta para desenvolver uma sociedade antirracista e formar cidadãos que conhecem sua identidade, história e uma nova cosmogonia de mundo não marcada pelo capital e pela colonialidade do ser e do saber.

A literatura infantil afro-brasileira na prática educativa não é somente fruição, é pensado como um espaço de luta por participação e transformação social, assim, esta literatura tira a criança negra e indígena da subalternidade e a coloca como protagonista da história, suscitando e fortalecendo a autoestima das crianças negras. Possibilitando que as crianças conheçam outras culturas, lugares, tempos, óticas, realidades, éticas. épocas e vivencie distintas emoções e sensações, e acima de tudo promova o conhecimento de si, resgate e valorização da memória afro-brasileira, além de proporcionar o bem-estar do sujeito possibilita a construção saudável da cidadania e democracia brasileira plural onde há espaço para todas as formas de ser enquanto sujeito.

ANCESTRALIDADE E IDENTIDADE

Ancestralidade é um conceito complexo e muito caro para os povos africanos e afro-diaspóricos. Seu significado mais comum refere-se aos antepassados, hereditariedade legado das gerações passadas, mas esta suplanta este significado para os povos africanos e afro-diaspóricos o ancestral é importante, exaltado, pois deixa uma herança espiritual sobre a Terra, colaborando para o crescimento da comunidade ao longo da sua existência.

A ancestralidade é força motriz, coletiva que constitui os distintos povos e grupos étnicos, contudo, este trabalho abordará a ancestralidade africana e de seus descendentes, contudo, também constitui a ancestralidade do povo brasileiro, as ancestralidades indígenas e dos outros povos europeus que colonizaram o Brasil. Assim, a cultura dos povos africanos permutou-se a cultura dos povos que aqui já estavam, mas manteve suas raízes.

Trabalhar as memórias é um processo de resgate, valorização e afirmação, ao apresentara história, cultura africana e afro-brasileira na prática educativa para crianças negras e não negras, é proporcionado aos discentes o Legado Africano, como diz Santana (2004), entendendo como um conjunto de saberes de matriz não ocidental que ultrapassa o ambiente dos Terreiros, estão impressas em nosso

cotidiano, dentro e fora do espaço escolar, porque se encontra como reminiscências africanas nas cidades.

Compreender-se como responsáveis do Legado Africano é assumir o papel nutriz desta herança, compreendendo esta categoria como relação de tempo, de criação, de raízes, entre outros fatores que escapam da racionalidade eurocêntrica, pois possibilita construir uma nova consciência de existência e prática cultural. Portanto, é preciso entender-se como sujeito ancestral, oriundo de variadas criações, valores, crenças, culturas e espiritualidade.

Discorrendo sobre este tema Oliveira (2007) afirma que:

Ancestralidade é uma categoria de relação, ligação, inclusão, diversidade, unidade e encantamento. Ela, ao mesmo tempo é enigma-mistério e revelação profecia. Indica e esconde caminhos. A ancestralidade é um modo de interpretar e produzir a realidade. Por isso a ancestralidade é uma arma política. Ela é um instrumento ideológico (conjunto de representações) que serve para construções políticas e sociais (2007, p. 257).

Desta forma, ancestralidade pode ser entendida como um símbolo de resistência dos povos negros, como uma força motora, energia pulsante de vida que nos constitui, nos perpassa, é um movimento que nos impele, convertendo-se em potência, identidade, resistência e reexistência. É a memória corpórea, impresso nas mentes e corações, o legado ancestral de nossos anciãos e anciãs, guerreiros e guerreiras que nos antecederam, é a herança de suas histórias, lutas, conquistas, produções.

Este sistema é uma força coletiva que perpassa os sujeitos e tem jeito próprio de compartilhar os conhecimentos. É um modos, um saber-viver coletivo que vem do mexer na terra, que aprende com as águas, com as folhas, que faz silêncio, ouve a fauna e a flora, principalmente com os griôs, os mais velhos e mais velhas. A ancestralidade está em tudo que é vivo em nós e na natureza, o processo de viver e aprende com ancestralidade, consigo mesmo, nas trocas e com a natureza, o todo se torna um sem perder a riqueza do todo, numa dança ora individual, ora do coletivo sem perder seu gérmen. A privação de liberdade, nem morte de seus corpos foram capazes de cercear o legado ancestral desses povos, porque sua memória é guardada pela oralidade e inscritas em seus corpos, mentes e corações. Assim pela força daqueles que já pisaram esse chão, povoaram essa terra, fizeram histórias anônimas da liberdade de um povo, cuja alma nunca foi

cativa, que constituíram a resistência, graciosidade, potência dos africanos e seus descendentes.

Tendo a ancestralidade como fundamento para pavimentar um caminho para a manutenção e ampliação das subjetividades, das subjetividades dos sujeitos, das identidades em formação. Portanto, é preciso resgatar os pontos históricos obliterados, evidenciando o protagonismo do povo negro na sua própria história. Além de desarticular a universalidade dos discursos e de cosmologias que constituem o mundo, desenvolvendo novas posturas que contemplem as alteridades.

O resgate da ancestralidade pode fomentar o desenvolvimento identidade negra saudável. A construção da identidade é um processo de produção, uma relação em que cabe o contraditório, a instabilidade, a fragmentação e a incompletude. O processo de formação identitária para os sujeitos afro-diaspóricos ocorre com a compreensão do torna-se negro, começa com a tomada de consciência entre o que é ser negro, entendendo a diferença entre o “ser negro” e “não negro”, mas a constituição desta identidade, não é igual para todos os sujeitos negros.

O processo identitário, o grau de consciência sobre si não é igual para todos os afrodescendentes, entendendo que estes sujeitos vivem em contextos socioculturais distintos e que a construção da identidade é formada por distintos fatores históricos, culturais, sociais. Porém, a alienação do negro que se concretiza pela inferiorização do seu corpo que atinge a mente, o espírito, a história e a cultura dificultando na construção de si (GOMES, 2019).

O teórico Kabelenge Munanga (2019) entende que para formação de uma identidade depende do fator histórico, fator linguístico e o fator psicológico. Essas questões ratificam a necessidade de discussão crítica, política e contextualizada da identidade negra. Assim, a questão identitária é atravessada pelas histórias dos povos africanos e da diáspora sendo um ponto comum: o fato de terem sido na história alvo da mais danosa tentativa de desumanização e de terem suas culturas como objeto de políticas sistemáticas de destruição, criminalização e folclorização, mais do que isso, de ter sublimada a existência de suas culturas. Logo, o combate ao racismo e as desigualdades raciais, assim como a afirmação da identidade negra são processos complexos, desafiadores e que necessitam serem desenvolvidos de forma veemente, contínua e incisiva.

Os contos clássicos e as obras literárias infantis são marcadas por personagens

distante da realidade brasileira com sua multiplicidade étnica e faz a reprodução de uma cultura eurocêntrica branca. A baixa representatividade das crianças negras ou representação nociva da cultura afro-brasileira e dos povos indígenas faz com que as crianças desenvolvam percepções distorcidas sobre o ser negro, ser indígena, acerca da história e cultura afro-brasileira e indígena, toda a nossa diversidade não é contemplada, assim o processo de branqueamento corrompe as identidades em formação dos pequenos leitores. Mariosa e Reis (2011, p.51) afirmam que

A carência da devida valorização das características físicas e culturais dos negros acaba por resultar em rejeição das crianças negras de sua ancestralidade e todos os símbolos a elas relacionados, prejudicando sua identidade em formação. A imagem da África também precisa ser revista. A ideia predominante de que o continente africano é um país e que, de um lado, estão as selvas e do outro os negros doentes e famintos, obviamente, elimina a possibilidade das crianças afrodescendentes se identificarem com a sua origem.

A literatura como afirma a autora (ARAÚJO, 2012) tem sido uma cúmplice do racismo, as pesquisas mais recentes apontam mudanças nos discursos dessa literatura, passando a ter algumas formas mais favoráveis aos negros, simultaneamente, com a reprodução de formas de hierarquização entre brancos e negros. Assim, a presença de personagens negros na literatura passou por algumas fases, inicialmente, havia ausência absoluta destes sujeitos; num segundo momento, os personagens negros aparecem, revelando todo o racismo de nossa sociedade e apresentando estes sujeitos de forma subalternizada, reproduzindo estereótipos; a fase seguinte procura fazer uma crítica ao racismo ao apresentar estes personagens, contudo, ainda reproduz estereótipos, discursos racistas, tirando a agência destes personagens. A última fase apresenta uma produção comprometida com a luta antirracista, realizadas também por pesquisadoras da área da literatura.

É mister para a sociedade brasileira o desenvolvimento de um currículo que contemple todas as tradições, culturas e referenciais simbólicos que nos constituem, trazendo para prática educativa a cosmogonia e epistemologia das ancestralidades afro-brasileira e indígenas que continuamente são negadas ou reduzidas. A fim de levar as crianças a entenderem como as relações étnicas, as questões concernentes a memória e identidade afro-brasileira, indígena e a complexa hierarquização social se estruturam na nossa sociedade.

A literatura infantil afro-brasileira na prática educativa não é somente fruição, é pensado como um espaço de luta por participação e transformação social, assim, esta literatura tira a criança negra e indígena da subalternidade e a coloca como protagonista da história, suscitando e fortalecendo a autoestima das crianças negras. Possibilitando que as crianças conheçam outras culturas, lugares, tempos, óticas, realidades, éticas. épocas e vivencie distintas emoções e sensações, e acima de tudo promova o conhecimento de si, resgate e valorização da memória afro-brasileira, além de proporcionar o bem-estar do sujeito possibilita a construção saudável da cidadania e democracia brasileira plural onde há espaço para todas as formas de ser enquanto sujeito.

OUVINDO LARA, SUAS BONECAS E AS CRIANÇAS

A obra foi produzida pela escritora e professora Doutora Aparecida de Jesus Ferreira tem doutorado e Pós-Doutorado pela University of London/Inglaterra. É professora Associada da UEPG – Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ministra aulas no curso de Letras na Graduação e Mestrado. A obra foi publicada em 2017, na cidade de Ponta Grossa, pela editora ABC Projetos e teve como ilustrador Élio Chaves.

O livro apresenta três crianças negras, Lara, Paula e Sérgio e suas experiências com bonecas negras. O primeiro relato é feito por Lara contando a história da Abayomi que aprendeu com sua avó, a qual aprendeu com sua mãe. O segundo relato é feito por Sérgio, o qual conta sua vivência no parque brincando com bonecas. O último relato é feito por Paula, que explana acerca sobre o desenho da boneca que ela e suas colegas pintaram na sala de aula de acordo a sua pele, trazendo à tona a questão do lápis cor de pele. Ao final o livro há três atividades em anexo para ser feito na sala de aula com as crianças

A obra rompe paradigmas ao trazer uma menina negra como protagonista, abordar questões de gênero, pois meninas e meninos brincam de bonecas e carrinhos; além de ter uma linguagem atenta a questão de gênero flexionando em gênero os substantivos e adjetivos. Também apresenta a família negra de Lara, sua mãe e avó, não reproduzindo racismo e estereótipos, não restringindo a família a situações de subalternidade. Explana sobre ancestralidade ao contar a história da abayomi que foi contada pelos antepassados de Lara. Discute identidade, ao

trazer à tona a questão do cabelo crespo, quando a personagem principal tem um lindo e volumoso cabelo crespo, além de apresentar uma ilustração de coleção de bonecas negras, como uma diversidade de cabelos crespos e cacheados. Dá continuidade a questão da identidade ao abordar a questão dos lápis tons de pele na história de Paula, explorando a questão que não há um único tom de pele negra, nem não negra, a fim de que as crianças possam se reconhecer como negras.

A atividade com o livro ocorria da seguinte forma, as crianças eram organizadas em círculo, o livro era apresentado, a autora, ilustrador. Antes de começar a contação é feita uma questão introdutória, "Quem aqui tem boneca negra?" Apenas uma criança tem boneca negra. Em seguida era feita a contação da história, observando para leitura de palavras e imagens. Durante a leitura uma criança negra falou sobre uma das bonecas do desenho, "Parece uma bruxa, tá com cabelo de bruxa". Seu colega também negro retrucou "Ela tá com cabelo de black, ela continuou sou chocolate". Essas duas crianças negras têm percepções distintas sobre o cabelo crespo, sobre sua própria autoimagem e autoestima.

Encerrada a leitura, após este momento fizemos duas atividades desta obra, fizemos a pintura dos bonecos onde as crianças deveriam pintar os bonecos e bonecas, pele e cabelos, como elas eram. Em um momento seguinte foi produzida abayomis com as crianças da turma.

Quando as crianças começam a pintar os bonecos, de acordo sua autoimagem, eles pintam a pele de rosa, vermelho, azul. Trazendo à tona a questão de cor de pele, novamente, mais uma vez é feita a problematização sobre haver várias cores de pele, não uma única cor de pele "rosa", apesar disso elas seguem se pedindo o lápis "cor de pele" ou outras cores, menos uma que se assemelha a sua pele. As crianças seguem se retratando, pintando o olho de azul, verde, como disse um aluno "pra dá um charme", mas não como de fato eles são, com seus olhos castanhos.

O cabelo é outra questão, apesar das crianças da história serem negras, da personagem principal ter cabelo crespo, todas as meninas fazem o seu autorretrato com uma imagem diferente de sua imagem real, as crianças estão alienadas da sua própria imagem. Elas não gostam de si, não querem se retratar como são. As crianças seguem em negação de si, de sua cor, de seu cabelo

cresto, o qual é uma das maiores expressões e suporte simbólico da identidade negra no Brasil, possibilitando a construção da beleza negra, a partir de outros referenciais afrocêntricos.

O cabelo do negro, visto como "ruim", é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como "ruim" e do branco como "bom" expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo. (GOMES, 2003, sp)

Num outro momento, houve o reconto da história das bonecas abayomi e houve a produção delas passo a passo com as crianças. A Abayomi tem o corpo preto, mas uma das crianças perguntaram se não tinha tecido branco para fazer a boneca africana. A questão foi problematizada e foi explicado que os africanos e seus descendentes são negros, logo a boneca não poderia ser branca. Ao término as crianças levaram suas abayomis com tecidos coloridos e turbantes na cabeça para casa, sendo a primeira boneca negra para quase todas as crianças.

CONCLUSÃO

O racismo inscreve feridas sociais e na alma de todas as pessoas de qualquer origem étnico-racial, sejam naquelas pessoas que são alvo desta prática social, sejam nos reprodutores. Contudo, é evidente que ele é substancialmente mais nocivo para quem sofre seu ataque, pior ainda quando são crianças, fragilizando os processos identitários, sendo muito mais duro para as crianças que tem seu processo de formação identitária corrompidos pela lógica eurocêntrica que nega a história e ancestralidade destes grupos étnicos. Gomes (2019) afirma que o combate ao racismo ocorre através de construções de estratégias, práticas. Movimentos e políticas antirracistas que promovam a igualdade racial e problematizem essa questão entres negros e não negros. Enfim, é preciso ter uma releitura histórica, sociológica, antropológica e pedagógica que entenda, valorize e reconheça a humanidade, o potencial emancipatório e contestador do povo negro no Brasil, assim como os povos africanos e demais povos afro-diaspóricos. A vivência com a obra "As bonecas negras de Lara", aponta algo que foi notório durante toda a pesquisa, a violência que a criança negra emprega a si mesmo, não se valorizando, nem aceitando como são. Esta negação sobre si o é oriundo

da baixa representatividade, da violência estética, da negação da história, da cultura, da identidade do povo negro, do seu apagamento ao longo da história. A literatura infantil afro-brasileira na prática educativa não é somente fruição, a leitura de literatura infantil afro-brasileira possibilita que as crianças desconstruam padrões normativos e subrepresentações da história e cultura afro-brasileira que sustentam o racismo e compreendam os referenciais afro-brasileiros e africanos sem a perspectiva etnocêntrica.

Destarte, esta literatura tira a criança negra da subalternidade e a coloca como protagonista da história, suscitando e fortalecendo a autoestima das crianças negras. Possibilitando que as crianças conheçam outras culturas, lugares, tempos, óticas, realidades, éticas. épocas e vivencie distintas emoções e sensações, e acima de tudo promova o conhecimento de si, resgate e valorização da memória afro-brasileira, além de proporcionar o bem-estar do sujeito possibilita a construção saudável da cidadania e democracia brasileira plural onde há espaço para todas as formas de ser enquanto sujeito.

REFERÊNCIAS

AMÂNCIO, I.M.C; GOMES, N.L; JORGE, M.L.S. **Literaturas africanas e afro-brasileira na prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CUNHA, Carlos Alberto Motta. **Teologia decolonial e epistemologias do sul interações**. Belo Horizonte, Brasil, v. 13, n. 24, p. 306-333, Ago./Dez. 2018.

DEBUS, Eliane. A temática da cultura africana e afrobrasileira na literatura para crianças e jovens. São Paulo: Cortez: Centro de Ciências da Educação, 2017.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **As bonecas negras de Lara**. Ilustrador: Élio Chaves. Ponta Grossa: ABC Projetos, 2017.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. In: II Seminário Internacional de Educação Intercultural; Gênero e Movimentos Sociais, 2003, Florianópolis. Anais. Florianópolis: UFSC, 2003.

GOMES, Nilma Lino. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos**. Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, p. 98-109, 2012.

GOMES, Nilma Lino. In: MUNAMGA, K. **Negritude: usos e sentidos**. 4. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2019.

MARIOSIA, Gilmara Santos. REIS, Maria da Glória dos. **A influência da Literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças**. Estação Literária Londrina, Vagão-volume 8 parte A, p. 42-53, dez. 2011.

MUNANGA, K.. **Negritude: usos e sentidos**. 4. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2019.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de and CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil**. *Educ. rev.* [online]. 2010, vol.26, n.1.

SANTANA, Marise de. **O Legado Ancestral Africano na Diáspora e o Trabalho Docente: desfricanizando para cristianizar**. 150 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). PUC, São Paulo, 2004.